



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE

CENTRO DE HUMANIDADES – CH

CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

SILAS VINICIUS SILVA TUMAZ

**EXPERIÊNCIAS NA PRÁTICA DE ENSINO NA ESCOLA ECIT JOSÉ LUIZ NETO
UTILZANDO RECURSOS IMAGÉTICOS COMO FERRAMENTAS DE ENSINO DE
HISTÓRIA EM BARRA DE SANTA ROSA-PB**

Campina Grande-PB 2024

SILAS VINICIUS SILVA TUMAZ

**EXPERIÊNCIAS NA PRÁTICA DE ENSINO NA ESCOLA ECIT JOSÉ LUIZ NETO
UTILIZANDO RECURSOS IMAGÉTICOS COMO FERRAMENTAS DE ENSINO
DE HISTÓRIA EM BARRA DE SANTA ROSA-PB**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
na Universidade Federal de Campina Grande
como requisito básico para a conclusão do
curso de Licenciatura em História.

Professor Orientador (a):

PROF.DRE. IRANILSON BURITI OLIVEIRA

Campina Grande-PB 2024

SILAS VINICIUS SILVA TUMAZ

**EXPERIÊNCIAS NA PRÁTICA DE ENSINO NA ESCOLA ECIT JOSÉ LUIZ NETO
UTILZANDO RECURSOS IMAGÉTICOS COMO FERRAMENTAS DE ENSINO DE
HISTÓRIA EM BARRA DE SANTA ROSA-PB**

Trabalho de Conclusão de Curso avaliado em ___/___/___/ Com o Conceito_____

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Iranilson Buriti Oliveira

Orientador (a)

Prof. Dra. Silede Leila Oliveira Cavalcanti

Examinador (a)

Prof. Dra. Andressa Barbosa de Farias Leandro

Examinador (a)

Campina Grande-PB 2024

RESUMO

As imagens estão ocupando cada vez mais espaço no cotidiano das pessoas, em diversos aspectos de nossas vidas, sejam eles profissionais ou pessoais, principalmente por todo o avanço tecnológico dos últimos tempos. Destacando como principais elementos as obras de arte, pinturas e fotografias, mostrando como essas fontes documentais podem contribuir para um aprendizado significativo, tanto na sala de aula quanto fora do cotidiano escolar, promovendo o aprendizado e diversificando os modos de Ensinar História. Essa narrativa sobre o processo de escolarização e formação docente será realizada na Prática de Ensino que ocorrerá no semestre de 2023.2, no colégio (ECIT) José Luiz Neto, na cidade de Barra de Santa Rosa, com foco no Ensino de História na turma de 1ª série do Ensino Médio que ocorreu entre os meses de Fevereiro a Maio de 2024. Usando como principal ferramenta a experiência da Prática de Ensino na turma de 1º Série B do Ensino Médio, e entrevistas com docentes e discentes para avaliar a importância dessa temática para o ensino de História.

PALAVRAS CHAVE: Recursos imagéticos. Ensino. Obras de arte. Iconografia. Iconologia.

ABSTRACT

Images are increasingly occupying space in people's daily lives, in various aspects, whether professional or personal, mainly due to recent technological advancements. This study highlights key elements such as works of art, paintings, and photographs, showing how these documentary sources can contribute to meaningful learning, both in and out of the classroom, promoting education and diversifying ways of teaching History. This narrative about the process of schooling and teacher training will be conducted during the Teaching Practice in the second semester of 2023, at José Luiz Neto High School (ECIT) in Barra de Santa Rosa, focusing on teaching History to first-year high school students between February and May 2024. Using the experience from the Teaching Practice in the 1st Grade B class as the main tool, and conducting interviews with teachers and students, we aim to evaluate the importance of this theme for teaching History.

KEYWORDS: Visual resources, Teaching, Works of art, Iconography, Iconology

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
CAPÍTULO 1- IMAGEM, FOTOGRAFIA, ANIMES E MEMÓRIAS, UM RELATO DE EXPERIÊNCIA DE UM GRADUANDO EM HISTÓRIA DE BARRA DE SANTA ROSA-PB.....	9
CAPÍTULO 2 – EXPERIÊNCIAS E REFLEXÕES ENTRE DESENHOS, PINTURAS E A PRÁTICA DOCENTE	26
2.1 Recursos Visuais No Ensino De História: Perspectivas de Docentes e Discentes	30
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	39
REFERÊNCIAS	41
ANEXOS.....	43

INTRODUÇÃO

Quando pensamos em recursos imagéticos há vários questionamentos em nossa cabeça, por exemplo, o que seria isso? Qual relação que esse termo tem com a nossa vida? De que maneira saber sobre isso vai me ajudar? Bom, em todos os aspectos do nosso cotidiano estamos sendo expostos a imagens, sejam elas digitais ou impressas, seja através de uma propaganda em um *outdoor* ou em uma revista, jornal, na tela da TV, ou celular, as imagens nos rodeiam a todo o momento.

Tendo como principal objetivo mostrar como as imagens podem ser fortes aliados no processo de aprendizado, este trabalho seguirá o gênero da escrita de si na modalidade Relato de Experiência, dialogando sobre meus processos de escolarização, passando para a formação docente, prática educativa e recursos utilizados na metodologia de ensino de história a partir das imagens e do visual, com aporte teórico de alguns autores importantes para essa temática, por exemplo, Panofysk (1991), Bencini (2005), Bittencourt (2005), e Cardoso (1990), entre outros.

No processo de ensino essa ferramenta pode ser utilizada para enriquecer o aprendizado, tornando o conteúdo mais interativo, acessível e compreensível para os estudantes. De acordo com isso, é crucial que nós como Professores de História possamos saber a importância que esse recurso pode trazer para educação, e saber as maneiras corretas de manejar essas imagens. O capítulo I será voltado para a minha vivência escolar em Barra de Santa Rosa, e como essas experiências me ajudaram no percurso acadêmico. E o capítulo II terá como principal objetivo a Prática de Ensino na turma de 1º série B do Ensino Médio na Escola ECIT José Luiz Neto.

É por meio dessa perspectiva que este Relato de Experiência vem salientar o uso da iconografia e iconologia como fortes aliadas para a obtenção de uma aula de História mais dialogada, interessante, menos conteudista. Abordando as contribuições de Panofysk (1991) para a propagação da iconologia, e Bittencourt (2005) com sua obra “Ensino da História: fundamentos e métodos”, e Litz (2009) que escreve sobre o uso das imagens e outras ferramentas, como, cinema, fotografia e charge no ensino de História. Ao usar essas ferramentas no ensino procuro despertar a criatividade, senso crítico dos discentes, e explorar

como a interpretação de imagens pode contribuir para o entendimento do contexto histórico em que as imagens foram criadas, podendo assim ter uma compreensão maior do passado.

CAPÍTULO 1- IMAGEM, FOTOGRAFIA, ANIMES E MEMÓRIAS, UM RELATO DE EXPERIÊNCIA DE UM GRADUANDO EM HISTÓRIA DE BARRA DE SANTA ROSA-PB

O Primeiro Capítulo terá como premissa a minha jornada estudantil, dando ênfase nas minhas experiências escolares e acadêmicas desde o Ensino Fundamental I até a Universidade. Meu nome é Silas Vinicius Silva Tumaz, atualmente cursando Licenciatura em História pela UFCG, realizando a Prática de Ensino na turma 1ºB, nasci na cidade de Barra de Santa Rosa na Paraíba no dia 24/03/1998. Desde cedo interessei-me pelas fotografias e, como sou uma pessoa que gosto dessa área, como trabalho final para conclusão do meu curso de História, me proponho analisar o uso e a importância das imagens, fotografias, pinturas, obras de arte como uma fonte indispensável para o ensino de história. Ou seja, o uso da iconografia e iconologia como ferramenta para abrir portas que possibilitem o trabalho com imagens artísticas, esculturas, retratos, uma forma de tornar o ensino cada vez mais dinâmico e diferente do habitual. As imagens em geral fazem parte do nosso dia-a-dia, estamos interagindo com diferentes tipos de recursos imagéticos a todo o momento, ou seja, a nossa realidade está ligada inteiramente a nossa interação com as imagens, e porque não trazer essa interação para a sala de aula? Para que os recursos imagéticos façam cada vez mais parte do nosso cotidiano escolar temos que levar em consideração os aspectos culturais e também psicológicos de cada indivíduo segundo Assumpção e Lopes (2013), e considerar dois elementos importantes a iconologia e iconografia de Panofsky (1991).

Ao escrever sobre sua própria vida é algo que remete a “Um encontro consigo mesmo” (Oliveira, 2023, p.4), o autor vai nos contar que escrever sobre si é uma forma de criar uma fotomontagem através de experiências vividas por cada sujeito. Esse termo “fotomontagem” me chamou atenção por ter ligação com a utilização de imagem e as formas que podemos analisa-las. A escrita de si é uma forma de ler suas próprias experiências e pelas palavras do autor “Um exercício metodológico e arqueológico de se fazer história” (Oliveira, 2023, p. 4).

Em minha trajetória acadêmica sempre residi na mesma cidade e sempre estudei em escolas da rede pública de educação desde a alfabetização ao Ensino Médio. Hoje estudo na Universidade Federal de Campina Grande, cursando Licenciatura em História. No início da minha trajetória escolar tive um pouco de dificuldade de aprender a ler, embora fosse considerado um bom aluno e bem elogiado pelas professoras. Mesmo assim, tinha um pouco

de dificuldade, mas, com o esforço da minha mãe e das professoras fui avançando e aprendendo. As disciplinas que eu mais tinha dificuldade nessa época eram matemática, português e geografia.

Quando terminei a pré-escola, como era chamada naquele período, mudei de escola e comecei a estudar na Escola José Ribeiro Diniz, que se encontra no meu bairro que é um pouco longe do centro da cidade. Alguns aspectos foram responsáveis por essa mudança de ambiente escolar, como, à distância, a situação econômica da minha família, meu pai e minha mãe não tinham transporte e ficava inviável que eu estudasse nas escolas do centro, que eram consideradas mais avançadas. Embora fosse uma escola de bairro e com infraestrutura física precária sem tanto reconhecimento na minha cidade, sempre gostei de ter feito parte do corpo discente daquela escola. Tive boas professoras, mulheres muito competentes que buscavam nos ensinar com as mais diversas metodologias. Fui uma criança comunicativa e com muitos amigos e nunca dei muito trabalho às professoras. E foi nessa escola que comecei a me interessar mais nas disciplinas de Arte, História e Ciência, eram as aulas que eu mais me identificava.

IMAGEM 1- ESCOLA JOSÉ RIBEIRO DINIZ



Fonte: Arquivo pessoal.

Nessa escola pude ter minhas primeiras experiências de alfabetização e letramento social. Com o passar do tempo ela vem melhorando em questões de infraestrutura e principalmente em questões pedagógicas, por exemplo, o acompanhamento de crianças com autismo que moram no bairro. Portanto, ela continua sendo importante para história de Barra de Santa Rosa e de suas crianças.

Depois de aprender a ler o maior desafio foi aprender a escrever as letras da forma correta, lembro bem que meus colegas faziam meio que uma pequena competição de quem conseguia escrever mais rápido e mais bonito. Minha relação com a disciplina de História nesse período era boa, sempre gostava das aulas e dos conteúdos que eram ministrados pelas professoras. Foi nesse espaço de tempo que comecei a ter interesse com a arte, gostava de pintar e de desenhar. Como toda criança gostava de assistir desenhos e animes¹ e foi a partir deles que comecei a ter inspiração para desenhar, passava horas do meu dia fazendo desenhos sobre os animes que assistia. Nesse trajeto do Ensino Fundamental I o que mais me marcou foi a quarta série, como falei antes, eu já vinha tendo interesse em desenhar e nesse período esse passa tempo ganhou mais forças, muito por conta de alguns colegas que também desenhavam e por ter tido incentivo dos professores, por exemplo com competições de arte, em que os estudantes tinham que desenhar a praça de nossa cidade para expor em um evento.

O 5º ano do Ensino Fundamental é um marco muito importante na trajetória de uma criança, principalmente por volta do ano de 2008, por marcar a transição do Ensino Fundamental anos iniciais para o que chamamos de colégio (Ensino Fundamental Anos Finais), o medo das mudanças nas disciplinas, os novos desafios que estavam por vim acabava criando certo medo na mente de todas as crianças, e claro que na minha cabeça não era diferente.

Embora tenha percebido que esses temores era apenas algo da minha cabeça, e que o ensino fundamental Anos Finais era normal, um ritual de passagem para novas experiências escolares. Tive uma pequena queda de rendimento escolar, em particular por ser um pouco desinteressado e desatento nesse período. O tipo de dinâmica era diferente, o ritmo das aulas em que cada horário era dedicado a uma disciplina com professores diferentes com estilos diferentes foi diminuindo minhas notas, mas nada que não pude contornar. Em relação com o ensino de história nesse período, ficou bem nublado para mim, acabei perdendo um pouco a

¹ Anime ou Animé é um estilo de animação da cultura Japonesa importante aspecto do cotidiano do Japão moderno.

paixão que eu tinha em aprender história, não sei explicar se foi algo pessoal ou a dinâmica a didática usada pelos professores que tive nesse tempo não me faziam ter o gosto de aprender.

Entretanto, no sexto ano foi quando eu tive um choque de realidade que mudou minha maneira de pensar e de me comportar em sala de aula. Em 2010 acabei sofrendo um acidente e fraturando o tornozelo na escola, e acabei perdendo muitos dias de aula por medo de ir para aula. Voltei depois de alguns meses e não consegui mais alcançar o ritmo das aulas, e fiquei muito atrasado nos conteúdos, e acabei reprovando em diversas disciplinas, e uma delas era História. No ano seguinte nada tinha mudado minha cabeça e eu levava minha vida escolar da mesma maneira, sem muito interesse. Depois que recebi a nota do primeiro bimestre em História no qual era uma nota baixa, eu comecei a analisar que eu não me interessava nas aulas, que eu tinha perdido um ano inteiro que eu poderia estar com meus amigos da turma, mas estava ali com a mesma professora que me reprovou.

Foi a partir desse momento que eu mudei totalmente meus hábitos, e comecei a me dedicar em todas as disciplinas, principalmente em História. Em todas as aulas da professora Luciene Barbosa, no Colégio Municipal José Eudencio Correia Lins, eu fazia de tudo para me destacar, lia todos os textos e estudava muito para todas as provas, e com esse esforço minhas notas e meu rendimento em todas as aulas melhorou muito. A didática da professora era mais convencional, ela não utilizava ferramentas diferentes e estilos diferentes, mas consegui me adaptar ao estilo dela e me destacar nas aulas. Mesmo ela não utilizando as imagens do livro como um meio de dar aula, essas imagens sempre me chamaram atenção e despertavam minha curiosidade. Tendo em vista que essas imagens poderiam ser usadas para enriquecer o aprendizado dos estudantes através da Iconografia, que é basicamente uma forma descritiva na análise da obra, seja ela, uma pintura ou fotografia, escultura, ou na utilização da Iconologia que pode nos proporcionar uma interpretação mais aprofundada da obra de arte, na interpretação, e na “Investigação da origem e significação de testemunhos, na influência de ideias teológicas, filosóficas políticas; objectivos de artistas nas obras” (Panofsky, 1991, p. 3).

Consegui superar as dificuldades que eu tinha principalmente em Matemática e português. Essa mudança se deu por minha vontade de mostrar que eu poderia ser melhor, que eu podia ser um dos melhores nas aulas de História daquela turma, e levei esse pensamento para as outras disciplinas.

Fazendo uma análise do ensino de história que tive até esse momento, em nenhuma das aulas os professores usaram de forma ilustrativa, sem problematizar as pinturas e fotografias que continha nos livros didáticos, embora esses livros fossem ilustrados por obras muito importantes para o contexto histórico daquelas aulas. Por exemplo, as pinturas de Pedro Américo, renomado pintor brasileiro que tem um vasto trabalho sobre acontecimentos históricos no Brasil. Em comparação com a disciplina de geografia que realmente utilizava muitos mais dessa importante ferramenta que são as obras de arte e fotografias. Muito por ser uma disciplina que utiliza muitos gráficos, fotos de mudanças climáticas, leitura de mapas, os professores de geografia em geral estão mais acostumados a trabalhar com essa perspectiva. Os recursos imagéticos tem a capacidade de despertar a observação e percepção dos estudantes, fazendo uma associação da imagem e o conhecimento prévio que existe na cabeça da criança. A obra de arte e as informações que estão compondo uma aula são dois lados de uma mesma moeda, são dois meios didáticos que caminham juntos para a construção do conhecimento, “Dessa forma, se constituirá em uma autêntica fonte de informação, de pesquisa e de conhecimento” (Litz, 2009, p.6).

IMAGEM 2- INDEPENDÊNCIA OU MORTE DO PINTOR PEDRO AMÉRICO (1888)



Fonte: Disponível no site: <https://virusdaarte.net/pedro-americoindependencia-ou-morte/> Acesso: 07/06/2024.

Com o passar dos anos os historiadores estão cada vez mais ligados ao uso de recursos visuais para suas pesquisas, uma linguagem visual tecnológica principalmente quando se trata de História Cultural e História Social. Essa linguagem tecnológica está segundo a autora Circe Bittencourt, diretamente ligada com a cultura capitalista, que mudou totalmente a forma que as informações são transmitidas pelo mundo, substituindo os velhos costumes dos textos e livros pela tecnologia. Mas, essa mudança vem trazendo uma visão diferente para o cenário didático, principalmente para os historiadores contemporâneos, que utilizam cada vez mais os recursos visuais e tecnológicos Bittencourt (2005, p. 362-363).

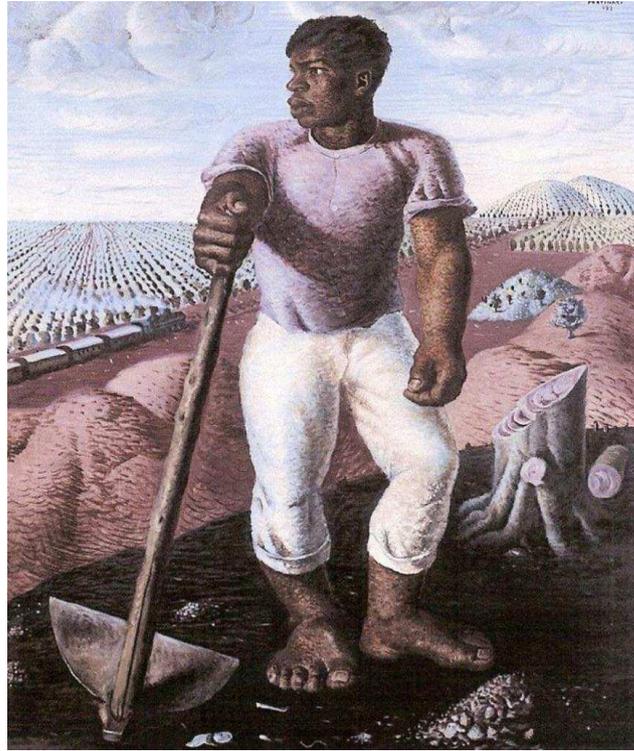
Imagens, como, “Operários” de (1933) de Tarsila do Amaral, é uma das pinturas mais famosas do Brasil e que está presente em diversos livros didáticos. É uma obra de arte que mostra diversos aspectos que podem ser trabalhados em sala de aula, por exemplo, as dificuldades econômicas da época, exploração da mão de obra, a marginalização da mão de obra brasileira, os pontos negativos da industrialização. Bom com o uso de uma obra de arte podemos fazer uma aula mais dinâmica e diferente do habitual, despertando a criatividade e a curiosidade das crianças e adolescentes. Podendo também insentivar a criação artística dos discentes.

Contudo, é importante ter em mente alguns aspectos quando utiliza-se obras de arte em sala de aula, por exemplo, as características das obras, dados sobre o autor, o contexto histórico em que a obra foi produzida, para quem foi produzida, a sua finalidade, o tema, o lugar em que foi feita, seja ela, uma pintura, música, foto, filme ou escultura. O contexto histórico em particular é aspecto importante de destacar, pois é o contexto social e histórico que o autor está vivendo que acabou influenciando totalmente a criação de determinada obra Litz (2009, p.15). Com esse conjunto de informações os docentes e discentes podem extrair ao máximo tudo o que as obras de arte tem a oferecer. Ao estudar uma fonte iconográfica temos que fazer uma ponte com o nosso presente, uma ligação desse recurso imagético e o tema que está sendo usado em sala de aula, relacionando o contexto da obra com a nossa realidade, “Com isso, estaremos dando um sentido mais concreto ao estudo do passado” (Litz, 2009, p.20).

IMAGEM 3- OPERÁRIOS (1933)

Fonte: Disponível no site: <https://laart.art.br/blog/pinturas-famosas-brasileiras/>

Quando falamos de aulas sobre a escravidão temos um vasto acervo artístico que aborda essa temática, por exemplo, obra de Candido Portinari “O Lavrador de Café” de (1934), uma obra muito famosa que pode também ser usada como fonte histórica em sala. A obra retrata um trabalhador em meio a uma lavoura de café, ressaltando o orgulho e a dignidade do trabalho rural.

IMAGEM 4- “O LAVRADOR DE CAFÉ” CANDIDO PORTINARI DE (1934)

Fonte: Disponível no site: <https://virusdaarte.net/portinari-lavrador-de-cafe/>

Tendo em vista aos acontecimentos que acabei de mencionar meu desempenho nas aulas e minha relação com a disciplina de história foi cada vez melhorando, muito graças a um professor excepcional que tive por dois anos no ano de 2012-2013 que corresponde ao oitavo e nono ano do fundamental, chamado Assuero Barros Servilha dos Santos. Ele ministrava aulas bem didáticas e descontraídas, mas ao mesmo tempo, bem rígidas de pulso firme, ele apresentava um controle de sala bem completo. E desde esse tempo eu já alimentava a vontade de ingressar na carreira de professor de história. Um dos meios que Assuero utilizava era o vídeo, ferramenta que vem ganhando bastante espaço nas últimas décadas. Por ser uma ferramenta que atrai a atenção dos alunos, o vídeo se tornou um meio para tornar a aula mais atraente e dinâmica, nas palavras do autor José Manuel Moran o vídeo “Nos atingem por todos os sentidos e de todas as maneiras” (Moran, 1995, p.2). O recurso audiovisual contém várias características que intrigam o telespectador, o vídeo mostra uma sequência de imagens cinematográficas com perspectivas diferentes, personagens cativantes, trilha sonora marcante, fotografia chamativa, conjunto de cenas que criam uma narrativa que abraça quem assiste. “O vídeo nos seduz, informa, entretém, projeta em outras realidades (no

imaginário) em outros tempos e espaços” (Moran, 1995, p. 2). Uma aula conteudista que contém somente a explicação do professor não tem o mesmo impacto que uma aula apresentando conteúdo audiovisual teria para os alunos. Mas, isso não significa que o vídeo por si só irá garantir o aprendizado, mas sim, a forma que o docente irá usar o conteúdo e o auxílio audiovisual, o filme deve ser usado para que o estudante problematize os elementos que estão presentes nas cenas, de forma que haja aprofundamento no tema da aula. Roberta Bencini vai nos falar que:

Não se trata de pôr em segundo plano a leitura e a escrita, mas de incorporar um meio que facilita muito a aprendizagem e coloca o aluno em contato com uma nova maneira de pensar e entender a história. A imagem é hoje um dos mais importantes meios de comunicação e é inegável que a tecnologia vem provocando alterações nas formas de pensamento e de expressão (Bencini, 2005, p. 2).

Em suma, vemos que a tecnologia nesse cenário ganha destaque, já que através da tecnologia podemos ter acesso a diversa quantidade de filmes, documentários, jornais que fazem ligação com os temas de História e de diversas outras disciplinas.

IMAGEM 5- PROFESSOR ASSUERO BARROS SERVILHA DOS SANTOS



Fonte: Arquivo Pessoal.

Foi nesse período do nono ano que comecei a ter interesse em fotografia, muito por influência das redes sociais que estavam ganhando muito espaço no cotidiano dos jovens e por influência de um dos meus amigos que adorava fotografar. E foi a partir dessa influencia que comecei a gostar bastante de capturar momentos, fotografar paisagens, e é bastante interessante como a sua visão de mundo muda quando você começa a tirar fotos às paisagens e os momentos nunca são os mesmos, sempre que vemos uma paisagem uma pessoa, um momento já começamos a imaginar a fotografia e de como aplicar nossa perspectiva na foto. Hoje tenho como uma de minhas inspirações o trabalho do fotógrafo Sebastião Salgado², que através de suas fotos demonstra sua visão de mundo e denuncia problemas sociais e ecológicos pelo mundo todo. Como falei antes, existe a utilização da perspectiva pessoal de cada fotógrafo em seus registros, e é isso que Salgado demonstra em seus trabalhos, ele aplica um estilo de foto em preto e branco que em primeira análise parece ser algo simples, mas, que carrega uma complexidade maior. Ele tem como maior objeto as fotografias humanistas, alguns o consideram um fotojornalista, porém suas obras retratam os homens em sua mais simples realidade, mostrando a triste realidade de diversos países pelo mundo, que passam pela pobreza, fome, guerras, exploração do trabalho. Portanto, podemos ter um pouco de noção de como a fotografia é algo indispensável para o trabalho não só do professor, mas de diversas áreas.

Em suas obras podemos ver a denuncia que o autor quer mostrar em suas fotografias, por exemplo, a fome na África, as condições precárias que as pessoas vivem nos campos de refugiados, dos expulsos de suas terras no Brasil, a exploração do trabalho, ele destaca em suas fotos a miséria que existe no Terceiro Mundo, Dias (2023). A sua contribuição para a história com suas fotografias inspiram brasileiros e estrangeiros ao redor do mundo. Através do seu trabalho “Ele conseguiu construir uma crítica social articulada através de suas imagens” (Dias, 2023, p.97).

Embora eu não tivesse ideia nesse momento da minha vida que as fotografias pudessem ser importantíssimas para o trabalho histórico, sendo uma das fontes documentais mais usadas em diversos trabalhos por todo Brasil, hoje com a experiência que a universidade me proporcionou posso ter uma noção maior sobre essa ferramenta didática. Pude enxergar que a imagem é uma “ponte” para criação historiográfica, uma rica fonte de conhecimento cultural e histórico. Para Paiva (2002) os registros iconográficos podem deixar de ser usados

² Sebastião Salgado, renomado fotógrafo brasileiro, Formou-se em Economia na Universidade do Espírito Santo em 1967. Iniciou sua carreira como fotógrafo em 1973.

apenas como recurso visual, e passar a serem vistos com outros olhos que “vislumbram novos significados, tornando-os relevantes para as pesquisas de cunho histórico e cultural” (Paiva, 2002, p.4).

No ano de 2014, comecei o Ensino Médio, na escola José Luiz Neto na qual estarei estagiando como aluno da Prática de Ensino em História. O Ensino Médio foi um período bem produtivo, tínhamos bons professores, de matemática, filosofia, português, mas, devido a problemas internos na escola acabamos prejudicados na disciplina de história. Principalmente durante a primeira e a segunda série do Ensino Médio, devido a problemas estruturais na escola, o professor de História mudou várias vezes e isso acabou prejudicando o rendimento da turma no ensino de história, e abalando um pouco a paixão que eu tinha pela disciplina. Como ocorria a troca de professores era difícil me acostumar com diferentes didáticas já que em pouco tempo iria mudar de professor, e até ficamos sem professores por um tempo.

IMAGEM 6- ECIT JOSÉ LUIZ NETO



Fonte: Arquivo Pessoal.

Nesse contexto, a cidade estava passando por uma grande crise hídrica que acabou atrapalhando vários setores da vida de todos na cidade, e a vida escolar não foi diferente. Vários projetos foram criados para conscientizar a população com o racionamento e responsabilidade hídrica, e uma das formas que encontramos foi exatamente através de imagens em cartazes para conscientizar as pessoas. Vemos como as imagens podem se adaptar em diversos assuntos e temáticas para que a mensagem que está sendo passada possa

ser absorvida mais rápida, e na sala de aula não seria diferente, dessa mesma maneira o conteúdo ministrado em aula pode ter um avanço significativo com o uso imagens para complementar os textos. Principalmente se falarmos de pinturas, as pinturas são carregadas de informações, são bastante ricas em detalhes para compreendermos o contexto de determinada época. Através delas podemos ver detalhes sobre a infraestrutura da época retratada, como as pessoas foram retratadas, como elas se comportavam, o estilo de roupa que vestiam os objetos que estão presentes na pintura, entre outras características. Com esses detalhes podemos problematizar o contexto histórico da pintura Litz (2009, p.21). Para que a análise de uma obra de arte tenha resultado é importante considerar o contexto político, cultural e social em que a obra foi feita. Valesca Litz baseasse em Robert Cumming, para mostrar alguns pontos cruciais para uma análise de pintura, que seria o Tema que envolve a obra, a Técnica que o artista usou para criá-la, o Simbolismo, o Estilo Histórico, e por fim a Interpretação Pessoal, a interpretação é algo particular, cada pessoa vai absorver de maneiras diferentes aquilo que a obra quis passar, “Cada pessoa tem o direito de levar para uma obra de arte o que quiser levar através de sua visão e de sua experiência” (Litz, 2009, p.22).

Logo com o início do ano letivo de 2014 todos os que ingressaram ao primeiro ano do Ensino Médio ganharam tablets do governo com o intuito de serem utilizados em sala de aula. Em uma visão ampla era uma ótima aquisição, tendo os tablets nós tínhamos acesso a várias ferramentas que ajudaria nas aulas a tecnologia é algo indispensável para o aprendizado nos dias de hoje. Mas, na prática era totalmente diferente a escola não tinha estrutura suficiente para disponibilizar internet para as aulas, e os professores não buscaram maneiras de utilizar esses tablets em seu próprio benefício.

Com essa tecnologia seria muito mais fácil ter acesso a diversos arquivos e acervos de fotos, pinturas e obras de arte, disponibilizados em hemerotecas digitais, como a Hemeroteca da Biblioteca Nacional, uma forma de expandir o conhecimento e diferenciar as ferramentas que já existiam nos livros didáticos que eram usados nas aulas. Entre outras possibilidades, o download de vídeos sobre os assuntos, mapas para as aulas de geografia, tabelas e gráficos para as aulas de matemática entre outras maneiras que poderiam ter sido utilizadas. Nas aulas da disciplina de História essa tecnologia poderia ter sido usada como uma forma de todos os alunos terem em mãos vários tipos de fotografias que teriam a temática da aula, fazendo com que o assunto fosse complementado pelos dados em exposição na foto, e de certa maneira iria fortalecer o olhar criativo, dedutivo e analítico sobre essa fonte histórica. A Fotografia vem sendo utilizada pelos Historiadores para a criação de documentos nas últimas décadas, a

fotografia ganhou destaque como importante fonte para estudos da sociedade contemporânea, tendo em vista que através dela a captura instantânea de imagens foi possível, podendo assim, capturar momentos do cotidiano, ou até, guerras, manifestações, momentos históricos, entre outros. “A fotografia como produto cultural transformou-se em objeto de estudos de semiólogos, antropólogos, sociólogos, e outros cientistas sociais” (Bittencourt, 2005, p. 366). E para o Historiador a fotografia é uma maneira de revisitar o passado, a autora da um exemplo do álbum de fotos, que é uma maneira de guardar momentos e memórias afetivas para cada família, é uma prática que vem se perdendo com o avanço da tecnologia. Para o Historiador a fotografia exerce um papel importante por registrar a realidade dos fatos, as fotos são uma “Representação do real” (Bittencourt, 2005, p. 366). Quando analisamos uma foto temos que ter em vista que atrás de uma fotografia tem a visão de uma pessoa, um fotógrafo que escolheu como tira-la, quais pessoas fotografar, o lugar, o ângulo, há sempre uma sequência de fatores que estão por trás de uma foto, e esses aspectos fazem conexão com a perspectiva do fotógrafo.

A autora Alcioni Consuelo mostra em sua obra “Leitura de imagens: Uma outra maneira de praticar a cultura” que a imagem se enquadra como um discurso, no qual seu autor empregou conhecimento e visão naquela imagem, sua vontade, ou seja, o autor acaba impondo “Autoridade e legitimar visão e como tal carrega conhecimentos e desconhecimentos ao mesmo tempo” (Schlichta, 1998, p.356). Em outras palavras, a imagem ganha um lugar de destaque como documento e ferramenta didática, tornando cada vez mais viável o uso da iconológica, mostrando a sua importância para o ensino. É com essa perspectiva que pretendo trabalhar em minhas aulas, vinculando o conteúdo dos textos as fotografias e pinturas, buscando trazer visão iconológica para trabalhar recursos visuais.

Com o uso do tablete eu pude ter mais acesso a internet e aprender um pouco como aprimorar as fotos que eu tirava, já que eu não tinha uma câmera profissional ou um celular bom para tirar fotos melhores. Só um tempo depois que tive a condição de ter um telefone melhor que me possibilitasse fazer fotos do jeito que eu queria, e através do uso de aplicativos fui aprendo a editar as fotos, esse hábito acabou se tornando um hobby em meu dia a dia no qual eu tirava fotos de paisagens ou de objetos que eu achava interessante para postar na rede social EyeEm³, um aplicativo exclusivo para postar fotos que podem ser vendidas.

³ Um aplicativo para postar fotos, podendo vendê-las para revistas e sites de diversos assuntos.

Com o término da primeira série do Ensino Médio a situação em relação ao ensino de história não apresentou melhoras em termos estruturais e metodológicos, ainda continuamos enfrentando mudanças de professores e períodos sem aulas. Só depois de um tempo que a professora que era responsável pelas aulas de sociologia acabou assumindo também as aulas de história nesse ano letivo. Fato que não melhorou a situação em que a gente se encontrava. Não conseguia sentir a mesma empolgação com as aulas de história igual ao ensino fundamental.

Entretanto, essa situação veio a mudar na terceira série do Ensino Médio quando fomos apresentados à professora Iara Mayara, que ficou responsável pelas aulas de história do ano de 2016, que é a professora responsável pela turma que estou realizando a Prática de Ensino. E foi nesse período que a paixão que eu tinha voltou a existir. As aulas da professora Mayara eram maravilhosas, muito por conta dos conteúdos que eram bem interessantes e pela forma que a professora ensinava, sua didática era diferente e dinâmica. A aula se tornava algo descontraído, em muitas situações nós participávamos das explicações, e isso foi revigorante, já que nos anos anteriores às experiências com o ensino de história foram desastrosas. Em nenhuma das outras aulas os professores interagem da mesma forma, mas nas aulas de História os discentes eram usados como peças fundamentais para a aula fluir, como se fosse um teatro com seus atores e atrizes. Em particular as aulas que mais me marcaram foram sobre a Segunda Guerra Mundial e sobre a Era Vargas, que por sinal é o grande amor da professora Mayara. Você percebia que ela estava dando aquelas aulas com o maior entusiasmo e paixão, e isso tornou as aulas de história cada vez melhores.

O papel do educador está cada vez mais difícil ao passar dos anos, prender a atenção dos alunos é um desafio, e lembrando-me das aulas de História da Professora Mayara, vejo que ela exercia um excelente papel como docente. Portanto, a tenho como inspiração profissional. Da mesma forma que ela foi uma ótima professora pretendo seguir a mesma trajetória, tendo em vista o uso de recursos visuais para complementar as práticas educativas, assim como fala a autora Alcioni “O educador pode levar o aluno a descortinar o poder da imagem como representação, fazendo-o chegar ao que reflete ou aquilo que não se apresenta imediatamente na imagem” (Schlichta, 1998, p.361).

IMAGEM 7- PROFESSORA IARA MAYARA DINIZ NASCIMENTO

Fonte: Arquivo Pessoal.

A terceira série sempre é o mais sobrecarregado por ser carregado de expectativas e aspirações com a faculdade, é ano que todos vão deixar para trás o Ensino Médio e tentar um curso superior. Todas as disciplinas giravam em torno disso, a preparação para o ENEM. Muitos pensamentos rodeiam a mente de todos os adolescentes nesse período a dúvida e insegurança, muitas vezes nos faz acreditar que não somos capazes de ter a aprovação em um curso superior. Esses medos são presentes nesse percurso. E para mim não seria diferente, eu tinha muitas dúvidas e inseguranças, meu foco era o curso de História ou Psicologia, eram duas áreas que eu tinha maior interesse.

Com o término da terceira série não consegui ingressar diretamente no curso que eu planejava que era Psicologia, por conta da nota não ter sido a que eu esperava. Mesmo com uma nota abaixo do aguardado ainda tentei ingressar em outros cursos, por exemplo, Ciências Sociais e História. Acabei não conseguindo ingressar, mas sempre com pensamento positivo que um dia conseguiria. Nesse período acabei deixando de lado minha vida acadêmica e foquei mais em trabalhar. Comecei a trabalhar na feira da minha cidade e nas cidades da

região, mas não deixei de continuar tentando o ENEM, em uma dessas tentativas em 2017 minha nota não tinha sido nada boa, mas mesmo assim resolvi tentar o curso de História, como era uma das minhas disciplinas preferidas e como citei antes, as condições econômicas e oportunidades de emprego na minha cidade são mais favoráveis para uma licenciatura, às aulas que tive com Mayara me ajudaram bastante nessa escolha.

Assim como a maioria das cidades de interior as oportunidades de emprego são muito raras, principalmente quando falamos de curso superior, as dificuldades são diversas, e a maioria das pessoas acaba optando por fazer licenciatura em alguma área por ser uma forma de conseguir emprego na cidade e conseguir melhorar de vida. E foi daí que já comecei a ter ideias de fazer alguma licenciatura, muito por gostar do ambiente escolar em si.

Nessa época minha vida estava bem conturbada e resolvi deixar o trabalho para poder focar meu tempo em estudar para o ENEM e conseguir entrar para a Universidade. Como eu trabalhava em feira livre os horários eram bem puxados, todos os dias tinha que acordar de madrugada para poder ir para outras cidades. Chegava em casa muito cansado e ia estudar, o curso Descomplica⁴ me ajudou bastante nesse período, era por onde eu estudava. Depois de um tempo essa rotina se tornou bem cansativa e por isso optei por deixar o trabalho para ter uma rotina mais saldável para poder estudar. Mas eu não esperava que a aprovação viesse com aquela nota que eu tinha tirado no ano de 2017, acabei ingressando no curso de história no período 2018.2. E isso me ajudou bastante a mudar a situação que me encontrava.

Ao ingressar na UFCG pude ter acesso a um mundo bem diferente daquele que estava acostumado, a universidade está carregada de pluralidade, diversidade de pessoas, estilos, etnias, cores, gêneros e opiniões. A rotina de aulas também foi algo bem diferente, era algo que eu não era acostumado. A rotina de se locomover todos os dias de ônibus para Campina Grande também foi um fator que mudou bastante minha rotina. Com a universidade pude abrir minha mente para visões de mundo que eu não tinha antes, entender as complexidades de nossa sociedade ocidental. Também tive ajuda financeira com o auxílio estudantil PAEG que me ajudou a permanecer cursando história. Como a locomoção para a universidade demanda bastante tempo e como sou do turno noturno as oportunidades de emprego nos horários que eu tinha eram bem complicadas, conseguir um trabalho se tornava cada vez mais raro, e a bolsa me ajudou bastante nesse processo de permanência no curso.

⁴ Descomplica cursinho preparatório para o Enem. Aulas online de todas as matérias necessárias para o Enem.

Com o decorrer do curso tive a oportunidade de trabalhar em uma oficina na disciplina de Brasil IV, em que o professor Luciano Queiroz ⁵escolhia diferentes fontes documentais para que a gente pudesse trabalhar com essa temática, alguns exemplos, música, poema, pinturas, filmes e textos. Fiquei responsável com a apresentação da pintura “Tiradentes Esquartejado” (1893) de Pedro Américo. Com esse trabalho pude ter uma visão diferente sobre as obras de arte, e de como elas podem ser uma importante fonte de informações históricas, antes eram só imagens e depois desse momento vi que poderiam ser tão interessantes como os textos. O estudo da imagem passou a ser uma forma de conteúdo, uma “História a ser Narrada”, que é carregada de assuntos e representatividade, a imagem deixou de ser uma simples representação visual do acontecimento, “Uma pintura não se restringe ao que se vê na tela, portanto, não basta apelar às formas visíveis para que se possa ler uma imagem” (Schlichta, 1998, p.362). Nesse trabalho pude conhecer mais sobre o Paraibano Pedro Américo, renomado pintor brasileiro e de como ele chegou a pintar essa obra, e qual o contexto histórico o Brasil estava passando para que essa obra fosse feita. Com isso pude entender a perspectiva e a visão que o pintor empregou em sua obra, e qual objetivo ele tinha.

Esses foram alguns pontos que segui para construir a apresentação, informações sobre o autor, dados técnicos da pintura, contexto em que se encontrava o Brasil, a perspectiva e os planos do autor sobre a pintura, o motivo da escolha de Tiradentes como objeto para a pintura e qual impacto que essa pintura teve na sociedade brasileira. Tendo esses pontos em mente podemos ver quantas informações uma obra de arte ou uma fotografia uma escultura, entre outras formas de arte pode carregar. Ao usar esses documentos históricos como fonte nós professores podemos criar aulas diferentes, fugindo um pouco dos convencionais livros e textos que lemos todos os dias e todas as aulas. Com o uso dessas ferramentas podemos incentivar a pesquisa, a criatividade e a curiosidade na mente das crianças. São meios de buscar e criar aulas diferentes para despertar o aprendizado na mente das crianças de hoje. É com essa visão que pretendo trabalhar em minhas aulas.

⁵ Professor da Universidade Federal de Campina Grande, tem Doutorado pela Universidade Federal do Pernambuco e Mestrado na Universidade Federal da Paraíba. Atualmente é tutor do PET História UFCG

CAPÍTULO 2 – EXPERIÊNCIAS E REFLEXÕES ENTRE DESENHOS, PINTURAS E A PRÁTICA DOCENTE

Com a Prática de Ensino através do curso Licenciatura em História pude vivenciar o cotidiano na escola ECIT José Luiz Neto, podendo vivenciar e adquirir conhecimento junto com os discentes. A experiência em sala é algo crucial para a formação de um bom profissional, tendo em vista que é na prática que vamos realmente aprender, e exercer o que estudamos na teoria ao longo do curso. Com essa experiência adquirimos aptidão para exercer a função de docente, mostrando suas capacidades e criatividade na prática. Segundo Bernardy (2012), o objetivo do estágio é proporcionar ao estudante de licenciatura um espaço que ele possa mostrar o seu conhecimento acadêmico, tendo em vista toda sua habilidade pedagógica.

Este capítulo terá como foco a Prática de Ensino que ocorreu na ECIT José Luiz Neto e como foi a experiência como docente. Tendo como principal foco, o conhecimento e o aprendizado em sala de aula. Sem deixar de lado um fator que deve ser considerado na prática, que é a “Grande importância que tem o educador na formação pessoal e profissional de seus alunos” (Bernardy, 2012).

A Prática de Ensino foi realizada no período 2023.2, na qual foram realizados 10 encontros, nos quais 8 fui responsável por ministrar aulas para a turma de 1º série B do Ensino Médio. Hoje a ECIT José Luiz Neto vem passando por uma série de melhorias, nos últimos anos podemos ver as transformações que vem ocorrendo, manutenção de salas, criação de um ginásio poliesportivo, a instalação de ar-condicionado nas salas, internet, bolsa de estudos para incentivo dos estudantes. A localização da instituição se encontra próxima a bairros periféricos da cidade, conjuntos e um bairro conhecido, como, “tribofe” bairro pobre em nossa cidade, por esse motivo os alunos que frequentavam a escola José Luiz Neto em sua maioria são de renda baixa. O corpo discente abrange tanto zona Urbana e Rural, em sua maioria são crianças que passam por dificuldades financeiras e que tem ajuda de Programas Sociais do Governo Federal.

Algo que me ajudou na Prática de Ensino são os Televisores que a Escola disponibiliza, em algumas turmas já foram instaladas, possibilitando a exibição de imagens, slides e vídeos para fortalecer o conteúdo que é ministrado em sala, dessa maneira pude usar os recursos imagéticos em minhas aulas. A turma 1º B é composta em sua maioria por estudantes da zona urbana, que precisam se locomover através dos ônibus que a prefeitura

disponibiliza, na maioria são adolescentes de família humilde. É uma turma bem participativa e que busca aprender com o conteúdo.

IMAGEM 8- IMAGEM ÁERIA DA ECIT JLN

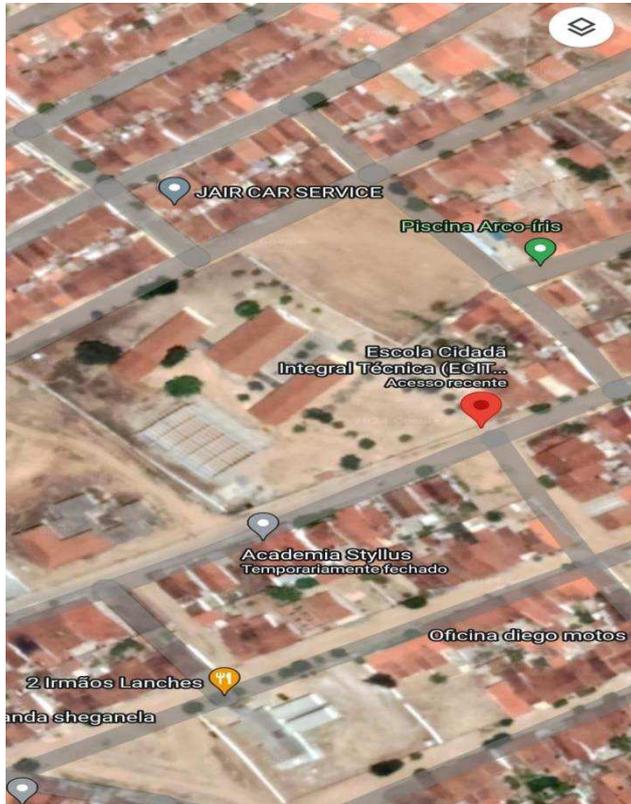


Imagem disponível no site: <https://www.google.com.br/maps/@-6.7196008,-36.0582222,17z?entry=ttu> Acesso em 15/04/2024.

O primeiro contato com a turma de 1º série do Ensino Médio do José Luiz Neto foi bem proveitoso. Pude perceber que é uma turma participativa, busca interagir fazendo perguntas e falam sobre suas opiniões com o professor. Boa parte da turma reside na zona urbana e são de famílias de classe média baixa que usam do transporte do município para chegar até a escola. Em nossos primeiros encontros tivemos aulas sobre as civilizações antigas. A primeira aula foi sobre a Mesopotâmia, na qual falamos sobre as problematizações da sociedade mesopotâmica e suas peculiaridades, divisão social, cultura, geografia, arquitetura, para demonstrar de forma mais visual utilizei as imagens para ilustrar a arquitetura, arte e outros aspectos dessa civilização. O 1º ano B foi participativo nessa aula, fazendo questões e contribuindo para uma aula dinâmica. No final tivemos um momento para resolvermos algumas questões do ENEM sobre o tema da aula, foi um momento bem descontraído.

A cobrança que é empregada ao profissional de educação está além do seu aporte teórico, está diretamente ligada a sua capacidade de criar meios e práticas pedagógicas que promovam o aprendizado, criar meios inovadores e interdisciplinares para ensinar História. Ou seja, todos os dias o professor tem um baita desafio para cumprir, nesse desafio tomei as imagens como minhas aliadas no processo de aprendizado.

Também pude ver que a instituição ECIT José Luiz Neto melhorou em diversos aspectos, como, sua infraestrutura, seus equipamentos didáticos, espaço de socialização para os estudantes. A questão dos equipamentos é algo que facilita na hora de planejar as aulas e demonstrar o conteúdo na prática. A cada encontro com a turma 1º série B pude perceber que íamos nos entendendo e se ajudando, por ser uma turma participativa as aulas não se tornavam monótonas, e isso foi contribuindo ao decorrer da Prática de Ensino. Essa vivência é algo crucial para minha formação, para que eu consiga criar uma identidade como docente, como educador, que perdurará pelo resto de minha carreira. Da Rocha e Pozzebon (2013) falam que “A formação da identidade do professor bem como o seu processo formativo são aspectos que se prolongam pela vida inteira” (Da Rocha; Pozzebon, 2013, p.76).

Mesmo tendo alguns encontros que não saíram como planejado, os pontos positivos que tive com a convivência com a turma se sobressaíram, a participação nas atividades e cooperação dos estudantes foi algo positivo para o desenvolvimento das aulas, o *feedback* com a utilização das imagens foi positivo. Algo que acabou impedindo um pouco nossos encontros foi a questão do transporte que muitas vezes estava quebrado, ou por conta das fortes chuvas na zona rural, que impedia que o transporte conseguisse buscar os estudantes. Por conta desse fator muitos discentes não conseguiram participar das aulas.

Em uma das aulas a temática proposta foi o Período Clássico da Grécia, que me deixou bem animado. Embora fosse um tema que eu não tenho afinidade pude fazer uma aula bem agradável, que me deixou feliz por alguns aspectos, como, a forma que aconteceu o desenrolar do conteúdo, a interação da turma com o tema. Um dos pontos que priorizei em nossos encontros foi a utilização de imagens para ilustrar as temáticas das aulas, fotografias, pinturas, imagens do cinema, com o intuito de fazer uma aula mais dinâmica e visual para os estudantes, priorizando o uso da iconologia a favor do Ensino de História.

Ao decorrer do nosso dia-a-dia passamos por diversas transformações, principalmente no âmbito da educação, os avanços da globalização e da tecnologia mudam a forma que agirmos, e a forma que vemos o mundo, com o educador não seria diferente,

todos os dias temos que mudar a maneira que nos direcionamos em relação aos nossos estudantes, para que esses avanços possam contribuir para o enriquecimento da educação. Scalabrin e Molinari (2013) falam sobre essa temática em sua obra, em suas palavras:

A sociedade passa por constantes transformações na maneira de agir, pensar e sentir das novas gerações e os educadores, como envolvidos no processo de ensino e aprendizagem, necessitam estar em constante transformação também e o estagiário começa a sentir este mundo da qual fará parte no primeiro contato: o promovido durante a prática de estágio. Além dessas transformações sociais existem também as mudanças no meio de comunicação e nas tecnologias e, tudo isso, demanda um profissional da educação diferente, com uma prática reflexiva e o estágio poderá dar essa primeira noção do mundo no meio educacional, (Scalabrin; Molinari, 2013, p.3).

Assim podemos destacar a importância da tecnologia para o aprimoramento da educação, seja no âmbito do estágio, prática de ensino, ou o cotidiano dos docentes como educadores e formadores de jovens críticos e participantes de nossa sociedade. A tecnologia foi algo que me ajudou nessa jornada, foi um ponto crucial para o desenvolvimento teórico e prático dessas aulas.

A Prática de Ensino sempre foi algo muito esperado durante meu percurso na licenciatura, era um momento no qual aguardei com boas expectativas. Exercer esse papel na escola que cursei o Ensino Médio foi algo que me ajudou ao decorrer desses encontros com o 1º série B, e fico feliz ao ver o quanto a ECIT José Luiz Neto evoluiu e vem se desenvolvendo cada vez mais, para o bem da educação de nossas crianças.

Foram realizados oito encontros nos quais pude ministrar aulas sobre as Civilizações Antigas, nas quais avaliei os estudantes de forma contínua, em que coloquei como maior parâmetro a participação e cooperação da turma durante as aulas, ou seja, o comportamento, o comprometimento, a elaboração de perguntas feitas por eles, e a maneira com que resolveram os problemas propostos pela disciplina. Em alguns de nossos encontros houve a resolução de questões do ENEM, atividade em grupo, elaboração de mapas mentais, criação de diários e mapas geográficos, Como sou morador da cidade de Barra de Santa Rosa e como já estudei nessa mesma escola, conheço a realidade dos estudantes que compõe a ECIT José Luiz Neto, e sei as dificuldades que muitos passam, por serem de famílias carentes. E mesmo com tantas dificuldades eles mostram vontade de aprender.

Na maioria dessas aulas tive a ajuda da TV instalada nas salas, ferramenta que me ajudou a mostrar vídeos e slides sobre os temas das aulas, esse fator contribuiu nesse processo, destacando dessa forma a importância da tecnologia ao nosso favor.

Posso falar que tive uma boa experiência na Prática de Ensino, foi como eu esperei que fosse, busquei colocar em prática todos os ensinamentos que tive com professores e amigos durante a licenciatura. Foi uma jornada de aprendizado tanto para os alunos e alunas da 1º série B da ECIT José Luiz Neto, quanto para mim, embora alguns pontos poderiam ter melhorado nosso aprendizado, por exemplo, a utilização dos telefones dos alunos para pesquisas, mais tempo de aula para que pudéssemos nos aprofundar sobre o conteúdo, e quando se fala em infraestrutura e conforto posso citar salas climatizadas, que é algo que ajudaria a convivência e permanência dos estudantes na escola, tendo em vista que eles passam maior parte de seus dias dentro do ambiente escolar. Em suma posso falar que aprendi em conjunto dos estudantes e colegas de profissão que me ajudaram principalmente a professora responsável pela turma, que me auxiliou nessa jornada.

2.1 Recursos Visuais No Ensino De História: Perspectivas de Docentes e Discentes

Durante o Período entre Fevereiro a Maio de 2024 que estive estagiando na Escola ECIT José Luiz Neto, problematizei as vivências e experiências dos docentes e discentes desta instituição em relação ao uso das imagens no Ensino de História. Portanto, dando seguimento, o recurso visual na elaboração de aulas vem sendo um forte aliado dos professores desde o século XX, tendo em vista que estamos a todo o momento sendo “bombardeados” com imagens, principalmente no século da tecnologia. Entretanto, precisamos ter cuidado ao usar essa fonte para nos auxiliar no processo acadêmico, pois, temos que saber se essa fonte visual realmente está ajudando nossos alunos e alunas, se eles realmente estão adquirindo conhecimento, e de que maneira essas imagens irão ser interpretadas. “O uso da imagem deve ser significativo, deve ter intencionalidade, é necessário ter qualidade” (Litz, 2009).

Portanto, o recurso imagético refere-se a elementos visuais, por exemplo, pinturas, mapas, fotografias, desenhos, gráficos, ou seja, é um recurso em si que podemos obter

diversas informações e para a área da educação é algo indispensável. Para os profissionais de História a área imagética é ampla para trabalhar diversos temas. Segundo Litz (2009) nós vivemos em um mundo de informações ligadas às imagens, por isso precisamos saber interpretá-las.

Na minha convivência na escola ECIT José Luiz Neto pude conhecer boa parte do corpo docente da instituição, e através de entrevistas analisei como esses professores observam e tratam essa temática, os principais pontos que abordei foram, qual relação o professor tem com o uso de imagens, quais experiências já tiveram, se ao utilizar essas ferramentas há melhores resultados com os estudantes, se costuma utilizar essa ferramenta frequentemente e qual opinião pessoal sobre esse assunto. Em uma conversa com a professora de Sociologia e coordenadora da área de humanas, Josiene Almeida Virgíneo, ela relatou sua experiência com o uso de recursos visuais em suas aulas, já que por um período também lecionou História, ela destacou que essa ferramenta é algo benéfico para o desenvolvimento de aulas mais dinâmicas, que através de imagens os estudantes demonstram mais interesse em aprender, com esse recurso eles podem imaginar como ocorreram os fatos tendo uma ideia visual e imersiva no contexto que está sendo abordado. Nesta conversa a professora contou uma de suas vivências na qual utilizou a pintura “Primeira Missa no Brasil” (1859-1861) de Victor Meireles ⁶. Ao usar essa pintura como ferramenta didática a professora pode perceber que a turma mostrou interesse em aprender sobre o tema, nessa aula a atividade proposta foi a criação de desenhos sobre como cada estudante imaginava que tinha acontecido esse evento que foi a primeira missa no Brasil. Dessa forma, incentivando a criatividade de cada discente.

⁶ Victor Meireles renomado pintor brasileiro, aluno da Academia Imperial de Belas Artes, se destacou na pintura de eventos históricos Tornou-se estimado professor da Academia, formando uma geração de grandes pintores, e continuou seu trabalho pessoal realizando outras pinturas históricas importantes.

IMAGEM 9- PRIMEIRA MISSA NO BRASIL (1859-1861)



Fonte: Disponível no site: <https://pinacotecabasica.blogspot.com/2020/04/primeira-missa-no-brasil1861-victor.html>. Acesso em 01/05/2024.

Esse relato sobre o uso de imagens só fortalece cada vez mais que nós professores temos que procurar meios de criar conhecimento que sejam mais interativos, menos monótonos e convencionais. Para que possamos nos beneficiar com essas ferramentas temos que ter em mente que cada pintura, escultura ou fotografia está carregada de informações e histórias, e segundo Campoi (2019) devemos considerar alguns aspectos ao analisarmos uma obra de arte:

Assim, ao analisar uma obra de arte devemos considerar vários aspectos, tais como: a visão do pintor diante do que foi produzido, o que ele quis transmitir, as maneiras possíveis de interpretação, além do lugar de transmissão, do gênero (sátira, charge, quadro, pintura histórica etc.), da técnica (pintura à óleo, guache, grafite, gravura, aquarela etc.), até mesmo o modo como ele simula a luz tem um sentido a ser considerado (Campoi, 2019, p.3).

Portanto, devemos pensar nas obras de arte não só como uma simples ferramenta visual, mas também como uma criação histórica que carrega em si diversas informações sobre o contexto em que foi produzida. Ao analisar uma criação artística essas são algumas características que devem ser levadas em consideração, esse tipo de exercício pode ser feito entre discente e docente.

Outra professora entrevistada foi Lucélia Lima Barreto, responsável pelas turmas de 2º série de História, em nossa conversa sobre sua vida acadêmica e como é sua didática em relação aos instrumentos iconográficos. Em seu percurso como docente acabou não usando recorrentemente as fontes visuais por conta da falta de recursos que possibilitassem o manejo das imagens, por exemplo, notebook, projetores, TV, internet entre outros. Por falta dessas ferramentas ela acaba optando por outros meios didáticos para elaborar suas aulas, mas mesmo assim, considerou que as fontes visuais são documentos importantes para nós historiadores e para a interação dos estudantes no cotidiano das aulas. A falta de recursos didáticos é algo recorrente em nossa realidade social, todos os dias nós docentes temos que superar desafios para trazer conhecimento para nossas crianças.

Como já foi citado anteriormente, a tecnologia vem avançando de forma extraordinária nos últimos tempos, e da mesma forma que ela avança as imagens tecnológicas aparecem cada vez mais, como a fotografias e o cinema. Entretanto não devemos esquecer-nos das antigas produções iconográficas, que nos permite ter uma visão abrangente do nosso passado. Segundo Bittencourt (2005) o historiador busca analisar as transformações que vem ocorrendo nos meios de comunicação, e essas transformações na produção das imagens acabou incentivando os historiadores a pesquisarem mais sobre a iconografia antiga, em suas palavras:

Pinturas em diferentes suportes, como, quadros, murais, vitrais, desenhos rupestres e toda uma série de representações iconográficas, que são produzidas por grande quantidade de técnicas, e se distinguem das chamadas “imagens tecnológicas” são importantes registros para o conhecimento das artes e das formas de comunicação da sociedade e grupos diversos (Bittencourt, 2005, p.364).

“O universo iconográfico é demasiadamente extenso e envolve inúmeros tipos de imagens” (Bittencourt, 2005, p.364). Ou seja, esta área do conhecimento é deveras abrangente, nos dando diversas possibilidades para trabalhar diferentes temáticas, as imagens são fortes complementos para os livros e textos, ou seja, para analisarmos a variedade de recursos imagéticos estabelecemos relação com os textos escritos, são ferramentas que caminham juntas.

A utilização do patrimônio iconográfico pode ser útil não só para nós docentes de História, essa área abrange muitas partes do conhecimento, por exemplo, a Geografia. A professora Josélia Henriques responsável pela disciplina de Geografia destacou a importância do uso de imagens na sua área de atuação. Que através desse manejo os estudantes se conectam com as paisagens, tornando uma aula menos cansativa e mais expositiva e

dialogada. Em suas palavras “O professor deve planejar suas aulas com metodologias que prendam e despertem o interesse do aluno e aluna”.

Em relação a isso, todos os dias o professor enfrenta o desafio de criar aulas que sejam produtivas a cada encontro e o uso das imagens torna-se benéfico para a obtenção de conhecimento. Nós como historiadores temos que tomar cuidado ao utilizar essa ferramenta, temos que enxergar as imagens não só como documentos visuais “É igualmente crucial que o pesquisador se familiarize com as inúmeras variáveis que definem a natureza das imagens e a multiplicidade de resultados e papéis que ela pode assumir historicamente” (Meneses *et al.*, 2012, p.243).

Dando seguimento, abrangendo outras disciplinas além de História, tive um diálogo com o professor de Filosofia Jacson Gonçalves. Ele relatou que no período de 2021 estava passando por dificuldades para ministrar suas aulas, vendo que os estudantes não demonstravam interesse nos conteúdos da disciplina. Toda via, foi através do uso de imagens que o professor viu uma melhora significativa ao decorrer de suas aulas. Jacson fez exposições sobre a mitologia grega, dos deuses gregos, que era uma temática que a turma se identificava, principalmente por influencia de jogos eletrônicos que tem ligação com a cultura grega. Como os jovens gostam de jogos e séries e filmes eles começaram a fazer ligação com algo que eles gostavam e as aulas de Filosofia. O uso das imagens nesse caso foi um caminho agradável e produtivo que o docente encontrou para solucionar um problema de falta de interesse da turma. Este é só mais um exemplo do uso de um instrumento visual no ensino, e a forma que podem ajudar na nossa trajetória como professores.

Quando falamos sobre iconografia e iconologia no cenário da educação um nome se destaca, Erwin Panofsky (1892-1968) passou parte da sua vida exilado de seu país por conta da perseguição nazista, seu primeiro destino foi Londres e em seguida nos Estados Unidos em Princeton, em seus trabalhos teve influência da arte holandesa e arquitetura gótica. Graças aos seus trabalhos a iconografia passou a ganhar destaque com sua forma de análise. Ele dividiu sua proposta em três partes. Em primeiro a forma pré-iconográfica que é basicamente a parte descritiva da imagem, a identificação de objetos presentes na pintura, por exemplo, se há pessoas, animais, objetos, de que forma esses objetos estão distribuídos. A segunda parte da sua proposta é a análise iconográfica propriamente dita, ou seja, os significados dos elementos da obra de arte, a perspectiva que o autor tentou passar com a sua arte, os temas e os conceitos. E por último vem a análise iconológica, essa parte é mais complexa que as

anteriores, tendo uma base filosófica que procura ver significado em cada elemento da pintura, colocando cada aspecto de forma separadamente trazendo pensamentos de outras áreas do conhecimento para dar sentido a determinada obra de arte tentando criar uma nova história da cultura Meneses *et a.* (2012).

Em suma, foi através dos estudos de Panofsky que a iconografia avançou de forma rápida em diversas áreas do conhecimento não só para História da arte. Segundo Ciro Flamarion:

A iconologia de Panofsky tem a pretensão de ultrapassar a superfície fenomênica da obra para atingir as estruturas ocultas do sentido, percebendo, assim, as ligações da arte com a cultura e com a ideologia sociais (Cardoso, 1990, p.15).

Os estudos que seguiram essa linha de análise visual se inspiraram em seu trabalho, ou seja, sua contribuição para a área da educação em conjunto com as obras de arte foi um feito importante, que pode nos ajudar em nossa trajetória como docente. Na opinião dos estudantes em relação ao uso das imagens pude perceber que eles destacaram a sua importância na criação de uma aula dinâmica.

Em suma todos os estudantes que conversei tiveram a mesma opinião sobre essa temática, eles destacaram que o uso das imagens e vídeos acaba ajudando a visualizar melhor os conteúdos, e que outros professores raramente utilizam essa didática em suas aulas. A estudante da 1º série B do ensino médio Rayanne Silva de 15 anos relatou que o uso dessa ferramenta é benéfico para uma aula que chama mais atenção dos jovens, que só o uso dos textos acaba tornando as aulas monótonas. A iconografia é uma área muito vasta, os documentos visuais que podemos usar abrangem todos os temas, isso torna cada vez mais viável a utilização dos recursos imagéticos como fontes documentais no Ensino de História. Em minhas aulas com a turma de 1º série B do Ensino Médio na Escola ECIT José Luiz Neto na cidade de Barra de Santa Rosa PB, optei em utilizar vários exemplos de pinturas, fotografias, vídeos e imagens retiradas de filmes e séries para criar uma aula mais dinâmica e interativa para os estudantes, pude perceber que a turma demonstrou interesse em entender as imagens, despertando curiosidade e levantando questionamentos sobre o que estava sendo exposto. Por exemplo, imagens do Minotauro do filme *As Crônicas de Nárnia* (2005) dirigido por Andrew Adamson para representar a mitologia grega. E utilizei imagens do filme *300* (2007) dirigido por Zack Snyder, para representar os guerreiros Espartanos e Atenienses.

Desta forma, pude perceber que ao decorrer dos nossos encontros íamos melhorando a qualidade do aprendizado, e com a entrevista que fiz com a turma recebi um *feedback* positivo em relação a utilização das imagens em minhas aulas. Busquei trazer imagens que tivesse ligação com a cultura *nerd* e tecnológica que faz parte do cotidiano dos jovens para atrair mais a atenção dos estudantes. Com a imagem do filme 300 a minha proposta era ilustrar os guerreiros gregos de uma forma mais moderna, com um aspecto do cinema para atrair atenção e curiosidade da turma para o tema. Alguns estudantes despertaram certa curiosidade para com as imagens e ficaram com vontade de conhecer o filme.

Em contra partida, ao usarmos essa ferramenta temos que tomar alguns cuidados, temos que saber a maneira certa de explicar a intenção e as informações que estão conditas em uma obra de arte. Quando somos apresentados a um objeto iconográfico temos que ter em mente, segundo Litz (2009), que um objeto possui ideias que a pessoa que a produziu depositou em sua obra. Isso pode estar visivelmente claro na imagem, ou não quando a vemos. Portanto, é preciso que busquemos pistas no contexto social em que foi feita a obra de arte, e nisto está relacionado aspectos políticos e ideológicos da época em questão, para que possamos questionar e entender as ideias que o autor quis propor em sua obra.

Quando falamos sobre pinturas a autora também nos deixa algumas dicas sobre a maneira correta de analisar tal ferramenta. Cumming 1995 *apud* Litz (2009) demonstra alguns passos para essa análise, por exemplo, identificar o tema, cada pintura segue uma temática específica que normalmente é a parte mais fácil de identificar. Em seguida vem a técnica, ou seja, “cada pintura deve ser criada fisicamente e a compreensão das técnicas utilizadas, como o emprego da tinta a óleo ou o uso do afresco, aumenta muito nossa apreciação da obra de arte” (Cumming, 1995 *apud* Litz, 2009,p.21) O simbolismo, os objetos contidos na imagem carregam significados e para entendermos temos que levar em consideração o contexto social em que a obra foi feita. Estilo Histórico, cada época da história é representada por um estilo de arte na qual os artistas acabam seguindo. E por ultimo a interpretação pessoal, segundo a autora:

Qualquer pessoa que embarque na viagem de exploração dos significados das pinturas logo ficará confusa com a quantidade dos pontos de vista apresentados. Uma orientação simples é: se você vê alguma coisa sozinho, acredite nela – não importa o que digam. Se você não consegue ver, não acredite. Cada pessoa tem o direito de levar para uma obra de arte o que quiser levar através de sua visão e de sua experiência, e guardar o que decidir guardar, no nível pessoal. O conhecimento da história e das habilidades técnicas deve ampliar essa experiência pessoal (Cumming, 1995 *apud* Litz, 2009,p.22).

A interpretação pessoal é algo crucial no desenvolvimento das nossas crianças, nesse processo no qual eles irão absorver o conhecimento e problematiza-los de sua maneira, e é nesse percurso que o professor pode auxiliar para que eles continuem seguindo o caminho correto e coerente na obtenção do conhecimento, produzindo uma leitura de imagem da forma correta abordando novas informações e descobrindo novos detalhes.

Em suma, a leitura das imagens proporciona aos estudantes caminhos diferentes dos habituais e convencionais, um ambiente que sendo dirigido pelo professor guiando os estudantes na forma correta de analisar e interpretar as imagens, com o intuito de criar novas ideias e expor novas interpretações e ideologias.

Um exemplo de material para trabalhar com os estudantes são as pinturas, são documentos que podem nos auxiliar, por exemplo, a ensinar sobre História Antiga, temas que não há tantos documentos escritos, as pinturas são um recurso interessante que atrai a atenção dos estudantes, e que nos possibilita entender como funcionava a sociedade e cultura do contexto retratado. “Vemos uma pintura como algo definido por seu contexto: podemos ter alguma ideia das influências que moldaram sua visão” (Manguel, 2001, p.27). As pinturas são carregadas de influências do próprio contexto social em que foi feita, em conjunto com a temática que está sendo produzida.

O conjunto de benefícios que o uso das imagens nos traz é imensamente benéfico para ambas as partes, tanto para facilitar o processo de produção pedagógica e o decorrer de uma aula, tanto para o entendimento dos estudantes perante o assunto da aula. Portanto, nós, enquanto professores temos que utilizar esse meio em conjunto da tecnologia para nosso auxílio a cada vez estar melhorando nossa convivência com os alunos e alunas, temos que buscar adaptarmos as novas maneiras de ensino.

É importante notar que a utilização dos recursos visuais pode levar o estudante a ter uma experiência agradável e marcante com o ensino, podendo marcar aquele momento na sala de aula para o resto de suas vidas, tornando uma aula de História em uma segunda de manhã mais dinâmica, prazerosa e que “Tenha significado, que lhe dê condições de se posicionar criticamente frente a questões e problemas que a sociedade traz” (Litz, 2009, p.6). Litz (2009) é uma autora que fala sobre a importância do uso da iconologia para o Ensino de História, assim como as obras de Panofsky (1991). Em sua obra, Litz (2009) fala sobre o papel do Ensino de História para a vida dos estudantes, que está intrinsecamente relacionado

com criação de adolescentes que possam dialogar e escrever, entender e fazer uma ligação do nosso passado para compreendermos nosso presente. A autora fala que:

Os alunos agregam às suas vidas os valores e explicações passados em sala de aula, por isso, é função também do professor fornecer estímulos ou significados que farão os alunos lembrar ou silenciar quanto aos fatos, eventos históricos, imagens marcantes, processos (Litz, 2009, p. 10).

Considerando esse contexto, o uso de recursos imagéticos para o enriquecimento pedagógico é uma ferramenta indispensável para a criação de conhecimento em sala de aula, e também, fora dela. Vivemos em uma sociedade repleta de tecnologia, os jovens estão interagindo com as redes sociais 24 horas por dia, por isso torna-se cada vez mais viável o uso de recursos mais visuais e interativos que buscam atrair a atenção dos estudantes, por exemplo, documentários, cinema, pintura, música, fotografias, entre outros meios.

Dessa forma, todas as experiências dos meus colegas de profissão e dos estudantes em conjunto com minha experiência como estagiário, me fizeram perceber que as imagens são indispensáveis no processo de ensino, tendo em vista os benefícios de usar esse recurso, por exemplo, quando falamos de aulas mais dinâmicas, melhorar o aprendizado, tornar as aulas mais expositivas, incentivando o senso crítico e criatividade dos estudantes, atraindo a atenção deles para os temas das aulas. Entretanto, nós temos que tomar cuidado quando utilizarmos esse material iconográfico, temos que ter em mente a maneira correta de analisar esses documentos para que desenvolva de forma mais eficiente o aprendizado dos nossos estudantes, por isso temos que buscar as melhores maneiras de análise dessas imagens, como foi citado anteriormente.

Os avanços tecnológicos em conjunto com os recursos imagéticos representam uma ferramenta valiosa para nós educadores, que buscamos melhorias no processo educacional. Ao adaptar-nos a novas tendências e técnicas de ensino, nós professores podemos proporcionar experiências de aprendizado significativas e enriquecedoras na vida dos nossos estudantes. Por fim, esses dois aspectos usados em conjunto podem nos proporcionar bons resultados no âmbito educacional, auxiliando na formação de jovens adultos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O professor do Ensino de História que deseja trabalhar com fontes iconográficas nos dias de hoje tem um vasto material documental ao seu dispor, muito graças ao avanço da tecnologia, essa ferramenta torna-se cada vez mais viável para o nosso cotidiano em sala de aula. O uso da iconografia é uma maneira de criarmos aulas mais dinâmicas, interessantes e interativas, os recursos imagéticos são um complemento dos documentos textuais, no mundo da educação e da criação de conhecimento um complementa o outro. Foi essa experiência que tive no Município de Barra de Santa Rosa, como estagiário da Prática de Ensino de História e como ex-aluno da escola objeto de reflexão deste memorial.

O uso de recursos visuais no ensino de história não se limita apenas à apresentação de imagens, mas envolve uma análise crítica e contextualizada das obras de arte, fotografias e outras formas de iconografia, tal análise busca entender aspectos sociais, culturais, políticos no qual a obra está envolta. Ao incorporar essas práticas em sala de aula, nós professores podemos enriquecer a experiência de aprendizagem dos alunos(as) e promover uma compreensão mais profunda e significativa do passado. Mesmo com a importância dessa ferramenta para o aprendizado. Pude perceber que boa parte dos professores acaba não usando imagens ou obras de arte no dia-a-dia em suas aulas. A utilização desse recurso me auxiliou no percurso como estagiário na Prática de Ensino da UFCG, é um caminho que percebi que tem bons resultados, e pretendo seguir esse caminho, usando os recursos imagéticos como fontes documentais. Certamente, a experiência como estagiário foi limitada, mas pretendo, como professor, lançar mão desse recurso em meu cotidiano escolar.

Ao decorrer desta pesquisa pude ter acesso ao depoimentos dos professores da área de humanas da Escola ECIT José Luiz Neto e dos alunos do 1º série B, dos textos, artigos e livros que falavam sobre o uso das imagens e com essas fontes compreendi que os recursos imagéticos são indispensáveis para nossas vidas, tendo em vista que em nosso cotidiano estamos expostos a imagens a toda hora, não poderíamos deixar de trazer essa realidade para a sala de aula, de maneira que beneficie nossa profissão. Os desafios e obstáculos de ser professor não são fáceis, e todos os dias temos que buscar meios para criar conhecimento em nossos estudantes. Por isso, que devemos reconhecer a iconografia como grande aliada em nossa jornada como docente. Em suma, o uso de imagens no ensino de História oferece uma

oportunidade única para criar um ambiente de aprendizagem dinâmico e estimulante, no qual fugimos do convencional e conservador, onde os alunos podem explorar novas ideias, perspectivas e interpretações, incentivando a criatividade, e o senso crítico de nossos estudantes. Sei que o trabalho possui muitas lacunas, mas convido-o, enquanto leitor, a aprofundar essa relação tão necessária entre ensino de história e fontes visuais.

REFERÊNCIAS

- ASSUMPÇÃO, Luiz Carlos Flôres; LOPEZ, André Porto Ancona. **Registros imagéticos: a interpretação da informação sob o aspecto cognitivo.** Comunicação & Informação, v. 16, n. 2, p. 87-106, 2013.
- BENCINI, Roberta. **Filme na aula de história: diversão ou hora de aprender?** Revista Nova Escola. Ano XX, n. 182, mai. 2005, p. 46-51.
- BITTENCOURT, Circe M. F. **Ensino de História: fundamentos e métodos.** São Paulo; Cortez Editora, 2005.
- BERNARDY, Katieli; PAZ, Dirce Maria Teixeira. **Importância do estágio supervisionado para a formação de professores.** XVII Seminário Interinstitucional de ensino, pesquisa e extensão. Anais: Unicruz, p. 1-4, 2012.
- CARDOSO, Ciro Flamarion S. **Iconografia e história. Resgate: Revista Interdisciplinar de Cultura,** v. 1, n. 1, p. 9-18, 1990.
- DIAS, Genebaldo Freire; SALGADO, Sebastião. **Educação ambiental, princípios e práticas.** Editora Gaia, 2023.
- DA ROCHA, Aristeu Castilhos; POZZEBON, Maria Catharina Lima. **Reflexões sobre a práxis: as vivências no estágio supervisionado em história.** História & Ensino, v. 19, n. 1, p. 71-98, 2013.
- LITZ, Valesca Giordano. **O uso da imagem no ensino de História.** Caderno Pedagógico-Universidade Federal do Paraná, Curitiba, p. 1402-6, 2009.
- MANGUEL, Alberto. **Lendo imagens: uma história de amor e ódio.** São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- MENESES, UB de; CARDOSO, C. F. S.; VAINFAS, Ronaldo. **História e imagem: iconografia/iconologia e além.** Novos domínios da História, p. 243-262, 2012.
- MORÁN, José Manuel. **O vídeo na sala de aula.** Comunicação & Educação, n. 2, p. 27-35, 1995.
- OLIVEIRA, I. B. **Viver a vida e contá-la: (auto)biografia, trabalho infantil e itinerários pedagógicos.** Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)biográfica, [S. l.], v. 8, n. 23, p. e1106, 2023. DOI: 10.31892/rbpab2525-426X.2023.v8.n23.e1106. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/rbpab/article/view/15145>. Acesso em: 28 mar. 2024.
- PAIVA, Eduardo França. **História & imagens.** Belo Horizonte: Autêntica, 2002.
- PANOFSKY, Erwin. **Significado nas artes visuais.** São Paulo: Perspectiva, 1991.
- SCHLICHTA, Consuelo Alcioni B. D. **Leitura de imagens: uma outra maneira de praticar a cultura.** Edição: 2006 - Vol. 31 - No. 02. Disponível em: ZAMBONI, Ernesta. Representações e Linguagens no Ensino de História. Revista Brasileira de História, vol. 18 n. 36, São Paulo, 1998.

SCALABRIN, Izabel Cristina; MOLINARI, Adriana Maria Corder. **A importância da prática do estágio supervisionado nas licenciaturas**. Revista unar, v. 7, n. 1, p. 1-12, 2013.

ANEXOS

Anexo 1 – Convivência com a turma 1° B



Fonte: Arquivo Pessoal.

Anexo 2 – Aula Sobre Grécia Antiga



Fonte: Arquivo Pessoal.

Anexo 3 – Aula Sobre Egito Antigo



Fonte: Arquivo Pessoal.

Anexo 4 – Exercício em Sala



Fonte: Arquivo Pessoal.

Anexo 5 – Pátio da ECIT José Luiz Neto



Fonte: Arquivo Pessoal.